

PERSPECTIVAS TEOLÓGICO DOUTRINÁRIAS DAS RELIGIÕES ESPITULISTAS:

perspectivas, enfoques, desafios

Lyndon de Araújo Santos¹

1 INTRODUÇÃO

Começo fazendo uma confissão quanto ao tema desta exposição. Não sei quais são as expectativas de todos aqui presentes diante de uma apresentação sobre as *perspectivas teológico-doutrinárias das religiões espiritualistas*. Talvez eu venha a frustrar um pouco o rigor que este tema propõe, pois o seu caminho natural seria discutir, confrontar, conciliar ou tentar encontrar pontos de contato, nas diferentes interpretações entre as religiões denominadas espiritualistas e, obviamente, a teologia cristã, esta tomada como ponto de partida. O subtítulo, no entanto, me ajudou a repensar o caminho desta narrativa ao propor *perspectivas, enfoques e desafios*.

Isto porque o meu pertencimento a campos do saber diferentes produz abordagens diferentes quando vou falar de um tema como esse, embora as relações entre elas sejam sempre possíveis mas não pouco conflitantes. A história, a teologia, as ciências sociais e a prática pastoral no contexto protestante, se interpenetram e se excluem, causam conflitos e exigem maior acuidade

¹ Professor do Departamento de História da UFMA, Coordenador do Curso de História da UFMA, Doutor em História pela UNESP – Universidade Estadual Paulista, Campus de Assis/SP.

no estudo e na compreensão de um objeto como este. O múltiplo pertencimento, no entanto, torna-se extremamente desafiador, inquietante e revelador dos modos de ver, sentir, falar, pensar e relacionar com uma expressão religiosa estranha à minha própria tradição religiosa mas não estranha ao campo da história das religiões.

Contudo, as perspectivas mais recentes dos estudos culturais (HALL, 2003) alcançam os diversos campos do saber, e têm colocado para os estudiosos a necessidade cada vez maior de interpretar fenômenos sociais considerando a sua polifonia, a sua polissemia, a sua pluralidade de faces. Neste sentido, o múltiplo pertencimento auxilia no sentido de poder contemplar as religiões espiritualistas sob enfoques e diálogos com outras leituras.

E isto atinge diretamente a expressão *perspectivas teológico-doutrinárias*. Afinal, falamos de qual perspectiva teológica? A cristã católica conservadora, tradicional, progressista ou carismática? A cristã evangélica reformada calvinista, luterana, pentecostal ou neopentecostal? Os dois mil anos de teologia cristã produziram diferentes perspectivas acerca da revelação, do sentido da natureza e missão da Igreja, o lugar da trindade, a economia da salvação, a ética no mundo, enfim, um leque por demais amplo e aberto que se torna impossível esgotá-lo. Temos, portanto, as teologias das Igrejas do Oriente (Ortodoxa, Copta, Síria, Russa) e do Ocidente (Católica Romana e Protestantes), seguindo as tradições de cada seguimento. O cristianismo é uma

religião de inúmeras faces e as teologias correspondem a este universo plural. Como, então, falar de perspectivas teológico-doutrinárias dentro deste cardápio de teologias e idéias?

Como protestante, sou *inclinado* a seguir as concepções deste seguimento religioso, identificando-me com traços e linhagens específicas deste universo por demais fragmentado que é o protestantismo. Este alinhamento se torna por demais curioso para um historiador, quase teólogo e pastor evangélico falar das religiões espiritualistas num encontro promovido por uma instituição católica. Quanto mais ao sabermos que as concepções evangélicas no tocante a estas religiões estão carregadas de préconcepções e de problemas conceituais, sem falar das questões hermenêuticas, proselitistas e apologéticas.

No entanto, é dentro desta tradição em diálogo com as ciências sociais e a história, tendo a Palavra de Deus e a encarnação de Deus em Cristo como fonte e paradigma teológicos, que vamos caminhar no esforço de abordar as religiões espiritualistas. Cabe acrescentar, além de tudo, que em alguns teólogos católicos da atualidade encontro subsídios fundamentais para lidar com um tema da ecologia e do diálogo inter-religioso (ARNOULD; KÜNG, BOFF). Sendo assim, confesso a ecleticidade ao tentar falar das religiões espiritualistas, partindo de um estranhamento inevitável, mas elaborando uma abordagem que nos leve a uma pauta comum do diálogo Inter-religioso em busca da justiça, da paz e da ecologia.

2 DIFERENTES PERSPECTIVAS

A teologia é uma das perspectivas para se abordar o religioso. Podemos falar das religiões a partir de diferentes perspectivas.

2.1 Ciências Sociais e a História

Para as ciências sociais a religião é uma produção humana dotada de sentido e que corresponde às práticas sociais de indivíduos e grupos. Ela estuda as formas religiosas e as estruturas sociais. Na origem histórica das ciências sociais (século XIX), a religião foi compreendida a partir de categorias hierarquizadas como primitivas e modernas, religião ou magia, Igreja ou seita, sacerdote ou mago, dentre outras dicotomias.

Para a História das Religiões o fenômeno religioso é estruturador das sociedades antigas e modernas, e está sujeito a comparações através da morfologia do sagrado, dos mitos e dos ritos próprios de cada religião, a fim de chegar-se ao que Mircea Eliade denominou de *religião primordial* (ELIADE). Para a recente História Cultural, a religião é uma produção simbólica e de sentido, compreendida a partir de sua linguagem e interpretação (RICOUER), de suas práticas, seus discursos e estratégias. As doutrinas religiosas estão desprovidas de qualquer estatuto de *verdade* que não seja histórica, ou seja, sujeita ao tempo e ao espaço das relações sociais e culturais. São verdades situadas e construídas enquanto códigos de sentido e formadoras de identidades sociais.

2.2 Fenomenologia da religião

A fenomenologia religiosa é o estudo sistemático do fato religioso nas manifestações e expressões sensíveis, ou seja, do comportamento humano, com a finalidade de apreender o seu significado profundo. (PIAZZA, p. 18 apud GOTO, 2004, p. 58).

Ela tem como objeto o estudo do fenômeno religioso, ou seja, o que se mostra por si. Trata-se de uma perspectiva humana do religioso enquanto fenômeno especificamente humano. Ela não supõe a existência de Deus como a teologia. Ela busca compreender o significado profundo da religiosidade, interpretando a sua essência (hermenêutica ontológico-existencial).

Ela, portanto, pesquisa os fatos religiosos empregando o método comparativo na classificação destes fatos. No entanto, procura aprofundar o estudo do significado destes fenômenos que expressam o pensamento e o sentimento com respeito a Deus (GOTO, 2004, p. 59). A fenomenologia da religião procura identificar as características comuns das diversas religiões, partindo do pressuposto de que é possível obter-se um quadro comum às várias religiões. Daí classificar estas religiões estabelecendo comparações, diferenciações e hierarquias entre elas (primitivas, sapienciais, proféticas, espiritualistas).

Nesta classificação, há variações entre os autores. Nas religiões espiritualistas estão incluídas as religiões afro-brasileiras, o espiritismo e a teosofia. Para alguns, no entanto, as religiões afro-brasileiras são colocadas em separado na análise fenomenológica. Outros, contudo, acrescentam neste bloco das religiões espiritualistas as

seitas orientais tais como Seicho-no-iê, Hare Krishna, Amanda Marga, Perfect Liberty e outras.

Para os propósitos desta exposição, partiremos da classificação das religiões espiritualistas que incluem o espiritismo e as religiões afro-brasileiras. Esta discussão, porém, embora nos ajude a identificar os universos de cada religião em suas diferenças e semelhanças, apresenta limitações quando perguntamos pelas relações sociais e atuações no tempo e no espaço produzidas pelas religiões. Em outras palavras, as religiões são históricas e estão sujeitas às transformações culturais das sociedades. Elas representam visões de mundo que predefinem práticas, estratégias, éticas e comportamentos de significados próprios a partir dos códigos de sentido de cada uma delas. Daí não ser possível chegar-se a uma compreensão do fenômeno religioso como algo imutável e constante na história dos povos e das sociedades.

3 TEOLOGIA

Para a teologia em geral, a religião é uma expressão do espírito humano desejoso do sagrado, do numinoso (OTTO), do transcendente. A natureza humana se volta para a busca religiosa enquanto necessidade de encontro, de satisfação existencial, de expiação da culpa religiosa, de conquista da vida pós-morte. O religioso surge pela perplexidade da condição humana diante de *mysterium*.

Desta forma, todas as religiões seriam a expressão deste desejo criado por Deus e mediado pelos rituais, pelos mitos, pelas doutrinas, pelas instituições religiosas, pelos sacerdotes e verdades particulares de cada culto.

As religiões, portanto, teriam as suas *teologias* porquanto constroem suas formas próprias de compreensão de Deus ou dos deuses. Em outras palavras, as religiões elaboram formas racionais explicativas das revelações de suas divindades, seus atos, suas demandas, seus rituais. Os nomes para este evento sagrado, o Deus cristão ou Iahveh judaico, muda de designação de acordo com os contextos culturais de cada grupo social, etnia ou nação.

A teologia *clássica*, no entanto, se mantém no campo da fé e da revelação (GOTO, 2004, p. 56). A teologia cristã parte do pressuposto da revelação do Deus único através da natureza, da história, das culturas, das consciências, da razão, das tradições e das escrituras sagradas. Ela também afirma a revelação plena do Deus criador na pessoa de seu Filho Jesus Cristo por meio da encarnação. Segundo o teólogo protestante (TILLICH apud GOTO, 2004, p. 59) “[...] a teologia é a exploração metódica dos conteúdos da fé cristã, que visa elaborar respostas às questões levantadas na existência humana.” (GOTO, 2004, p. 59). Para Tillich (1987), Deus é a preocupação última com o sentido da existência.

A teologia está historicamente ligada à ortodoxia de uma instituição religiosa denominada Igreja, que estabeleceu durante séculos cânones da verdade, dogmas teológicos, confissões sistematizadas e *corpus* doutrinários. Sendo assim, pode-se pensar nas *perspectivas teológico-doutrinárias* das religiões espiritualistas tomando como padrão e modelo, as dualidades fundadas pela teologia cristã ocidental, legatária do pensamento greco-romano.

Neste caminho, ela funcionaria a partir de binômios como ortodoxia/heterodoxia, verdade/heresia, canônica/apócrifa, cristandade/paganismo, Igreja/seita. As religiões espiritualistas estariam categorizadas a partir destes dualismos sempre categorizada na segunda parte dos binômios. Um tipo de teologia que esteve a serviço da expansão da cultura ocidental, da formação dos estados nacionais, do colonialismo e da dominação sobre os povos nativos da América, Ásia e África.

Mas nem todas as religiões apresentam *teologias* nos moldes ocidentais e cristãos, judeus ou islâmicos, no sentido de um conjunto de dogmas que formam um sistema de crenças bem organizado e fechado a serviço de uma instituição sagrada (Igreja, Estado, Sinagoga). Muitas das religiões não apresentam sacerdotes especialistas encarregados não somente do serviço sagrado mas na preservação das doutrinas e das tradições que sustentam as instituições sagradas. Este corpo de sacerdotes é formado por intelectuais encarregados de pensar permanentemente a atualização da verdade e dos rituais da religião.

O caso das religiões espiritualistas torna-se particular pois não se constituem a partir de sistemas fechados de doutrinas sistematicamente organizadas. Elas possuem, no entanto, cosmovisões próprias acerca da natureza e das relações entre sociedade e meio ambiente. Estas cosmovisões se diferenciam da cosmovisão cristã que parte da idéia do Criador pessoal criando as todas as coisas como expressão de sua bondade.

As religiões espiritualistas atribuem conteúdos sagrados aos elementos da natureza e a ligação inerente entre o ser humano e esta natureza. Na tradição judaico-cristã, o universo é distinto do Criador e foi criado tendo como sujeito-agente o homem-mulher com a vocação de domínio e cuidado da terra. A dimensão da vocação humana encontrada no Gênesis em *dominar* a terra, por certo, contribuiu para a atitude da cultura ocidental em agir sobre a ordem criada a fim de dominá-la no sentido da destruição a serviço dos interesses políticos, econômicos, militares e religiosos.

Para as religiões espiritualistas, por exemplo, a memória dos ancestrais está presente na correnteza dos rios, na formação das montanhas, nas formas das árvores, enfim, nos eventos da natureza carregados de sentido. Seus mitos fundadores dão significado e papel ao relacionamento com o meio ambiente animado por entidades, forças espirituais e energias a favor ou contra os destinos humanos. Desta forma, a consciência espiritualista em relação ao universo ou cosmos torna-se outra porquanto parte de outro paradigma oposto ao paradigma cristão e ao paradigma da dominação que a civilização ocidental construiu.

Tendo em vista a amplitude das denominadas religiões espiritualistas e com o propósito de tornar este debate um instrumento útil para o nosso contexto, optamos por analisar as crenças espíritas. Isto porque as demais religiões espiritualistas no Brasil assimilaram conteúdos das crenças espíritas-kardecistas em seus cultos. Outra razão é a de que faltam estudos mais densos

para se compreender o lugar das crenças espíritas na religiosidade brasileira. Sendo assim, podemos ver o kardecismo como uma matriz de crença e de sentido que se propagou na cultura religiosa brasileira no decorrer do século XX. Este conjunto de crenças sustenta visões de mundo e perspectivas relativas à justiça, à paz e à ecologia.

4 AS RELIGIÕES ESPIRITUALISTAS E O ESPIRITISMO: enfoques

O que são religiões espiritualistas? São as *religiões do espírito* ou os cultos que afirmam e se relacionam com espíritos que ouvem, falam, interferem e atuam na chamada realidade natural. As religiões espiritualistas, de maneira geral, desenvolveram formas de contato e diálogo com estes *espíritos*, bem como explicações acerca dos problemas humanos a partir de eixos doutrinários como a reencarnação e o karma.

O espiritismo tem como objetivo ser “[...] filosofia, ciência e religião ao mesmo tempo.” (PIERUCCI, 2000, p. 290). Para o pedagogo francês Léon Rivail ou Allan Kardec (1864):

O Espiritismo é a ciência nova que vem revelar aos homens, por meio de provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual e as suas relações com o mundo corpóreo. Ele no-lo mostra, não mais como coisa sobrenatural, mas, pelo contrário, como uma das forças vivas e sem cessar atuantes da Natureza, fonte de uma imensidade de fenômenos até hoje incompreendidos e, por isso, relegados para o domínio do fantástico e do maravilhoso. (O Evangelho Segundo o Espiritismo)²

² Kardec publicou: O Livro dos Espíritos (1857), o Livro dos Médiuns (1861), o Evangelho segundo o Espiritismo (1986) e o Céu e o Inferno (1865).

O *spiritisme* de Kardec foi “[...] apenas uma das tradições espiritistas que emergiram na segunda metade do século XIX.” (VASCONCELOS, 2003, p. 94). Ele denominava sua doutrina de a *terceira revelação* que superaria as doutrinas de Moisés e de Cristo. Intentava reconciliar a ciência à religião e trazer esclarecimentos para o estado de ignorância do povo quanto aos mistérios e às maravilhas, escondidos pelo clero católico. O mundo espiritual compõe-se de forças vivas e sem cessar atuantes na Natureza, fonte de uma imensidade de fenômenos. Ou seja, a natureza enquanto realidade dada está submetida à ingerência de *forças vivas*, uma natureza que não se explica por si mesma.

Esta espiritualização não se fez descolada do contexto de uma França sitiada pela secularização, pelo racionalismo e pelo cientificismo. A proposta de Kardec apontava na direção contrária à naturalização do mundo espiritual ou ao fim da espiritualização do mundo. Vasconcelos (2003, p. 99) retrata o contexto europeu da segunda metade do século XIX:

Vivia-se num mundo em que a ciência desenvolvia técnicas e instrumentos capazes de atribuir realidade objetiva a seres, matérias e forças que até então deslumbravam ou aterrorizavam sem se deixar domesticar. Não era de todo inverossímil que, mais tarde ou mais cedo, a alma e os espíritos pudessem também ser objetivados.

O *kardecismo* se diferencia da doutrina no espiritismo em geral. Em França, “[...] o Kardecismo [...] elaborou uma teodicéia própria e tornou-se bastante mais exclusivista e também anticlerical”, se comparado aos Estados Unidos e Grã-Bretanha. (VASCONCELOS, 2003, p. 96). Nos EUA e na Inglaterra desenvolveu-se o que se denominou de *psychical research* e que foi mais tarde

chamado de parapsicologia. Num primeiro momento, o espiritismo foi uma moda que começou por varrer salões burgueses, geralmente por via feminina, e que depois se popularizou, sobretudo nos meios urbanos. (VASCONCELOS, 2003, p. 96)

Fenômenos extraordinários como sons, visões, imagens, levitação de objetos, vozes e outros, despertaram não poucas pessoas à busca de explicações racionais e científicas, sem que necessariamente estivessem associados a crenças como a reencarnação e ao karma. Para seus adeptos, há uma justificativa científica para os fenômenos que ocorrem no cotidiano das pessoas. Trata-se de um sentido atribuído a uma crença da parte dos seus adeptos e participantes. Contudo, é preciso atentar para o conceito de ciência que o espiritismo está se valendo para basear a veracidade de suas práticas e interpretações.

A concepção de ciência oriunda do século XIX, contexto intelectual no qual, o espiritismo moderno surgiu, atribuía a si mesma o estatuto de verdade superior às outras verdades pretensamente provadas como a verdade religiosa e a verdade filosófica. O espiritismo apropriou-se da concepção positivista de ciência para estruturar sua própria verdade *religiosa*, tendo uma autoridade como fonte superior às outras fontes.

No entanto, como toda religião, o espiritismo apresenta crenças e rituais que se constituem em atitudes perante o mundo e a sociedade, são fontes de visões de mundo que conformam práticas sociais. O Espiritismo é uma religião que produz sentidos e representações, visões de mundo e perspectivas éticas. Para alguns, o espiritismo não se considera uma *religião* mas uma *ciência dos*

espíritos, ou seja, sua base é mais científica do que religiosa ou pretende apresentar *provas* científicas para fenômenos paranormais ou da existência da alma, dos espíritos. Em resumo, as crenças espíritas podem ser apresentadas em quatro patamares básicos, os quais apresentam aproximações e/ou conflitos com a teologia cristã tradicional (católica e protestante):

- a) a crença na existência de um Deus inteligente enquanto causa suprema de tudo o que existe;
- b) a crença na existência da alma ou do espírito, *unida a vida terrestre ao corpo físico, por um elemento intermediário, denominado de perispírito, uma espécie de corpo etéreo*;
- c) a crença na imortalidade da alma e sua evolução contínua em estados progressivos de aperfeiçoamento, cujo instrumento é a reencarnação;
- d) a crença na lei do Karma que estabelece a noção de pagamento, de justiça retributiva, de responsabilidade, uma espécie de *lei de talião* cósmica por meio da qual está ausente o sentido de *graça* encontrada no cristianismo.

Estas crenças foram reunidas na obra fundadora do espiritismo escrita por Alan Kardec, uma fonte de autoridade quase revelacional. Nela, o professor francês sincretizou noções antigas dos cultos primitivos, uma fundamentação científica, a crença no contato com os mortos, a ingerência dos espíritos na vida cotidiana e a

classificação destes espíritos, junto com perspectivas cristãs como o valor da caridade e da prática das boas obras. Daí denominar sua obra de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, um simulacro dos textos sagrados dos cristãos (os Evangelhos do Novo Testamento) e uma nova interpretação da vida e da existência espiritual.

O que aconteceu com o espiritismo na Europa, seu berço? Stoll (2004, p.181) discorrendo sobre o Espiritismo na França e na Europa em nossos dias, diz:

Paris, sede do evento [de comemoração dos 200 anos de nascimento de Kardec], ainda guarda a aura mítica de berço de origem da doutrina, embora na França, assim como na Europa de modo geral, Allan Kardec e sua doutrina sejam hoje praticamente desconhecidos.

No Brasil, no entanto, esta situação é diferente. Sua inserção social vem alargando principalmente entre os segmentos da classe média através da literatura espírita, por exemplo, que foi considerada um fenômeno editorial em 2003. Os livros psicografados têm atraído leitores interessados nas mensagens do além, *além* de trazer grandes lucros para editoras.

5 O ESPIRITISMO NO BRASIL

O Brasil ainda é um país predominantemente católico romano (73% segundo IBGE, 2000). No entanto, as perspectivas espiritistas fazem parte da visão de mundo de boa parte da população brasileira. A história cultural e religiosa brasileira nos ajuda a entender porque as crenças espíritas estabeleceram-se no Brasil mais do que uma religião organizada. Os cerca de 2,2 milhões de

espíritas confessos no senso de 2000 não representam um crescimento numérico expressivo passados mais um século da chegada no Brasil. Contudo, as crenças espíritas entranharam-se na cultura religiosa brasileira de várias formas.

Podemos nos dar conta da simbiose das crenças espíritas com outras crenças anteriores no caldo cultural e religioso em que vivemos hoje. Na obra de Ariano Suassuna, *O auto da Compadecida*, o diálogo final entre o Deus Pai, o Filho, Maria e o diabo defronta-se com o dilema de enviar o personagem para o céu ou para o inferno. A decisão foi enviá-lo de volta à terra, ou seja, uma solução espírita para um conflito típico do catolicismo popular. Novelas da Rede Globo têm servido a uma permanente catequese das doutrinas espíritas, divulgando suas verdades em horários nobres. O sucesso editorial dos livros de Paulo Coelho propagou os princípios espíritas.

Historicamente, o kardecismo foi primeiro cultivado pelas elites brancas no Brasil, sendo protegido pelo Estado e legitimado socialmente, denominado de *alto espiritismo*. Nas camadas populares, o *baixo espiritismo* permaneceu com *práticas de sortilégios, curandeirismo e feitiçaria*, enquadradas no Código Penal e associadas a casos de distúrbios mentais (NEGRÃO, 1996, p. 78 apud DILLON; RAMOS, 2003, p. 44). Barreto (2002, p. 85) falou sobre os subúrbios do Rio de Janeiro no início do século XX que possuíam o namoro epidêmico e o espiritismo endêmico.

No início do século XX, as práticas espiritualistas eram perseguidas pela polícia e condenadas pelos códigos de posturas municipais. A Igreja Católica, o protestantismo e o cientificismo condenavam as práticas espiritualistas. A medicina julgava seus praticantes como portadoras de distúrbios mentais. No entanto, é preciso observar que esta perseguição se dava nas classes sociais mais baixas, nas práticas do cotidiano das populações das periferias e dos subúrbios. As práticas espíritas por parte das elites brancas ganhavam outro sentido de superioridade e, por isso, resguardadas.

A história religiosa no Brasil do século XX trouxe mudanças neste panorama primitivo das práticas espíritas no Brasil. Alguns dados merecem ser citados a fim de ajudar na nossa compreensão do lugar do espiritismo na cultura religiosa brasileira.

- a) em 1998, pesquisas realizadas pelo Instituto Gallup, constataram que 45,9% dos católicos que dizem freqüentar serviços religiosos afirmam acreditar na reencarnação (STOLL, 2004, p. 182; BLANK, 1995, p. 7).
- b) pesquisa feita nos anos de 1997 e 1998 no Distrito Federal revelou que mais da metade da população imagina Deus como *tudo* (52%), depois como *força* (15%), *energia* (13%) e como pessoa (5%). Esta imagem de Deus como *tudo* aproxima-se da explicação kardecista que “[...] o exalta como Ser e Fim Supremo, a meta da perfeição de todo o processo evolutivo dos espíritos, e há uma distância

entre Deus e os homens.” (DILLON; RAMOS, 2003, p. 44). Esta mesma pesquisa revelou que, independente da imagem de Deus, “[...] a maioria absoluta dos religiosos afirma que já experimentou a presença de Deus.” (DILLON & RAMOS, 2003, p. 36 e 37).

c) no último senso do IBGE (2000), os espíritas kardecistas formavam um grupo de 2,2 milhões de adeptos, localizados basicamente em São Paulo. Do “[...] ponto de vista demográfico, os espíritas habitam mais as zonas urbanas do que as rurais, congregam mais mulheres do que homens e pessoas com mais de 31 anos, de cor branca.” (JACOB, 2003, p. 101). O espiritismo foi situado dentro da categoria *Outras Religiões*, sendo identificado como *mediúnica espírita* e diferenciado da mediúnica Umbandista, mediúnica Candomblecista, outras religiões afro-brasileiras, esotérica e espiritualista (JACOB, 2003, p. 103).

d) o Ceris (Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais) constatou numa pesquisa em cinco metrópoles brasileiras que 57,7% dizem acreditar na vida após a morte sendo que 35,8% destes afirmam crer na reencarnação.

O sistema de crenças do espiritismo, contudo, detém uma profundidade cultural e uma extensão social que ultrapassa os dados dos censos e das estatísticas

(STOLL, 2004, p. 182). O chamado trânsito religioso e as mudanças da *territorialidade religiosa* no Brasil, não são captados pelos índices apontados. “O Espiritismo encontra novos espaços sociais de difusão, pouco mensuráveis, no entanto, estatisticamente.” (STOLL, 2004, p. 183).

No Brasil, o espiritismo ganhou maior significado a partir do surgimento de médiuns de renome como Chico Xavier. Xavier desenvolveu um tipo de espiritismo catolicizado onde os ideais de homem-santo, castidade, santidade e simplicidade.

Confundindo-se com a própria história do Espiritismo no Brasil, esse modelo por ele criado tornou-se hegemônico. O tributo a Chico Xavier se desdobra, portanto, entre vida e obra, uma construção mútua que garantiu a integração do Espiritismo ao *ethos* religioso nacional. (STOLL, 2004, 192).

Nas últimas décadas um tipo de espiritismo voltado para a auto-ajuda tem angariado maior interesse das classes médias urbanas letradas. A trajetória do médium Luiz Antonio Gasparetto mostra uma tendência do campo espírita “[...] à construção de novos diálogos no campo religioso, em especial com o chamado ‘complexo alternativo’, ‘neo-esotérico’ ou “Nova Era”. (STOLL, 2004, p. 193). Outras tendências deste campo representam o grupo ligado às religiões de tradição afro e outro que busca alternativas mais seculares de expressão da doutrina, as chamadas *paraciências*.

6 DESAFIOS

Quais são os desafios para o diálogo inter-religioso entre o cristianismo e o espiritismo? Existem alguns pontos de conflitos. Os doutrinários se situam nas questões da revelação ou conhecimento racional dedutivo, da reencarnação ou Ressurreição, da Salvação pela Graça ou Salvação pelas Obras, da Consulta aos Mortos e dos espíritos. No tocante à fonte de autoridade tem-se o embate entre o Evangelho segundo Jesus Cristo ou Evangelho segundo Alan Kardec, e ainda a tradição ou doutrinas espíritas. As teodicéias são distintas quanto ao Deus pessoal ou um Deus impessoal, bem como a explicação do sofrimento a partir da vontade divina ou do sofrimento cármico.

Para além destes pontos de conflitos de origem teológica-doutrinária, propomos uma agenda de intenções, uma pauta de diálogo ou um patamar mais universal a partir dos imperativos da justiça, da paz e da ecologia. Küng (2004a) diz que:

A meta de um entendimento universal entre as religiões deve ser um etos comum da humanidade, mas um etos que não deverá substituir a religião [...]. O etos é e continua a ser apenas uma dimensão dentro das diferentes religiões, uma dimensão das religiões entre si. Não se trata, pois, de chegar a uma religião única, nem a um coquetel de religiões, nem a de substituir a religião por uma ética. Mas, antes, de um empenho pela paz entre os homens das diferentes religiões deste mundo, o que constitui uma necessidade urgente.

Sendo assim, apontamos alguns eixos fundamentais para um diálogo inter-religioso:

- a) a consciência de que a experiência religiosa atual é vivida no contexto de pluralidade cultural e religiosa, daí o imperativo da tolerância e do respeito para com o diferente.
- b) a afirmação recíproca das diferenças num espaço aberto e corajoso de diálogo.
- c) a ação conjunta em torno de alvos e temas comuns como a justiça e a paz.
- d) a comparação entre as cosmovisões acerca da ecologia entre o espiritismo e o cristianismo, a fim de construir possíveis pontes comuns na luta contra a destruição do meio ambiente.

Leonardo Boof coloca a ecologia como a preocupação central de humanidade em nossos dias. Ele sugere que, em lugar do paradigma da dominação engendrado pelo *modus vivendi* da civilização ocidental, escrava do capital e do lucro, outro paradigma ecológico deve surgir como referencial ético, religioso, civilizacional, humano e científico. Em outras palavras, justiça e paz não podem ser categorias pensadas dissociadas da questão ecológica, da constatação e do reconhecimento de que a terra está doente por causa das atitudes predatórias e utilitaristas da humanidade regida pela égide do capital e do lucro.

O paradigma ecológico é, sobretudo, uma nova ética de responsabilidade pelo planeta, a garantia do direito das espécies e das plantas de continuarem vivendo e se reproduzindo. Nosso autor sugere uma outra ética no

lugar da ética da sociedade dominante utilitarista e antropocêntrica, que:

[...] considera o conjunto dos seres a serviço do ser humano que pode dispor deles a seu bel-prazer [...] que acredita que o ser humano [...] é a coroa do processo evolutivo e centro do universo. (BOFF, p. 2004, 21).

Ao pensarmos na perspectiva ecumênica e do diálogo inter-religioso, precisamos tomar cuidado com toda esta construção do pensamento teológico ocidental, com todo este edifício teológico utilizado pela instituição religiosa como fonte e autoridade para estabelecer e impor suas verdades sobre as outras. Boff (2004, p. 194), nos adverte que, ao tomarmos a questão ecológica como paradigma.

[...] a reflexão ecológica rompe com o enquadramento clássico teísta. Este tendia mostrar Deus, um ser tão absoluto, auto-suficiente, perfeito e transcendente que prescindia do mundo. Um Deus sem o mundo facilmente permite surgir um mundo sem Deus. O que tragicamente aconteceu em estratos científicos e iluministas da sociedade moderna.

REFERÊNCIAS

- ARNOULD, Jacques. **Darwin, Teilhard de Chardin e Cia:** a Igreja e a evolução. Trad. Benôni Lemos. São Paulo: Paulus, 1999.
- BLANK, Renold J. **Reencarnação ou ressurreição:** uma decisão de fé. São Paulo: Paulus, 1995.
- BOFF, Leonardo. **Ecologia:** grito da terra, grito dos pobres. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.
- DILLON, Gláucio Ary & RAMOS, Paola Novaes. A imagem de Deus e suas correlatas. **Religião & Sociedade**, v. 23, n.1, jul. 2003.
- DIOCESE DE OSASCO. **O fenômeno religioso:** "ser católico no meio do pluralismo religioso". 3 ed. São Paulo: Paulus, 1996.
- ELIADE, Mircea. **Mito e realidade.** 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- GOTO, Tommy Akira. **O fenômeno religioso:** a fenomenologia em Paul Tillich. São Paulo: Paulus, 2004.
- HALL, Stuart. **Da diáspora:** identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representações da UNESCO no Brasil, 2003.
- KÜNG, Hans. **Religiões no mundo:** em busca dos pontos comuns. Trad. Carlos Almeida Pereira. Campinas: Verus, 2004a.
- _____. **Por que ainda ser cristão hoje?** Campinas: Verus, 2004b.

OTTO, Rudolf. **The idea of the holy**. New York: Orford University Press, 1958.

RICOUER, Paul. **A religião dos filósofos**. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. **Teoria da interpretação: o discurso e o excesso de significação**. Lisboa: Edições 70, 1996.

STOLL, Sandra Jacqueline. Narrativas biográficas: a construção da identidade espírita no Brasil e sua fragmentação. **Estudos Avançados**, v.18, n.52, set./dez. 2004.

TILLICH, Paul. **Teologia sistemática**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1987.

VASCONCELOS, João. Espíritos clandestinos: espiritismo, pesquisa psíquica e antropologia da religião entre 1820 e 1920. **Religião & Sociedade**, v.23, n.2, dez. 2003.

WILGES, Irineu. **Cultura religiosa: as religiões no mundo**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.